



O Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade

Este encarte propõe uma reflexão sobre os sistemas de vida que têm como fundamento o Bem Viver. Trata-se de uma filosofia, com reflexos muito concretos, que sustenta e dá sentido às diferentes formas de organização social de centenas de povos e culturas da América Latina. Sob os princípios da reciprocidade entre as pessoas, da amizade fraterna, da convivência com outros seres da natureza e do profundo respeito pela terra, os povos indígenas têm construído experiências realmente sustentáveis que podem orientar nossas escolhas futuras e assegurar a existência humana.

Estes povos têm nos ensinado que para construir o Bem Viver as pessoas devem pensá-lo para todos. Isso significa dizer que é preciso combater as injustiças, os privilégios e todos os mecanismos que geram a desigualdade. Assim, a “causa” indígena se vincula com a “causa” dos pobres e marginalizados e, desse modo, não deve ser pensada como uma questão à parte, desvinculada dos grandes desafios do mundo contemporâneo.

Um dos grandes ensinamentos que os povos indígenas têm nos transmitido, desde tempos imemoriais, é o de saber conviver com a Mãe Terra,

dedicando-lhe respeito, amor e profundo zelo. Na visão desses povos, a terra é mais do que simplesmente o lugar onde se vive. Ela é sagrada, é capaz de fazer germinar e de acolher plantas, animais e uma infinidade de seres vivos, além dos humanos, compondo assim ambientes onde a vida frutifica em todo o seu esplendor. Assim sendo, a terra está na base do Bem Viver. No entanto, nem todas as comunidades indígenas brasileiras podem usufruir do direito de viver em seus territórios tradicionais, ou seja, estão sem possibilidade de vivenciar a condição primordial do Bem Viver.



Maloca Yanomami - Foto: Edeon Magalhães



Povo Karajá - Foto: Wellington Antenor

O Bem Viver das culturas indígenas pode ser reinterpretado para se tornar um projeto de vida concreto, capaz de revolucionar nossas maneiras de pensar, nossas formas de interagir com a natureza e nossas relações humanas

Povo Kreyê: Na luta pelo reconhecimento e o território

“Nós, indígenas do povo Kreyê, estamos ainda com a esperança de poder ter de volta o nosso Bem Viver. No passado, tivemos nosso território, mas não o temos mais. Hoje estamos vivendo nas periferias de cidades do do Maranhão, enfrentando muitas dificuldades e vivendo num estado de calamidade. Mesmo assim, com todos esses problemas, resistimos. Convivemos com outros parentes e nos relacionamos bem com outras comunidades porque nossa forma de viver é respeitando as pessoas e os seres. Com uma nova geração que nasceu e não merece viver na penúria, decidimos buscar o nosso direito. Em 2003 e 2004 buscamos o reconhecimento de nosso povo. A Funai [Fundação Nacional do Índio] declarou que não existimos mais, mas voltamos a lutar e queremos nosso reconhecimento. Este é, para nós, um momento de luta e, um dia, vamos contar para vocês a história do Bem Viver.

Hoje estamos lutando para reaver nosso território, para a nossa sobrevivência e para podermos ensinar nossos filhos a viverem dentro da nossa cultura. O nosso processo está encaminhado, mas a Funai alegou que não vamos conseguir o nosso território pois há muitos fazendeiros instalados ali e nossa família é pequena e poderia haver confronto. A Funai veio, então, com a proposta de compra de terras. Por isso, nós somos um povo decepcionado pelo tratamento dado pelo governo. Não é fácil mudar uma história de muito tempo, mas agora que nossa luta começou, ninguém vai nos intimidar, nem nos fazer esquecer quem somos”.

Raimundo Kreyê,
Maranhão

O conceito de Bem Viver está na contramão de um modelo de desenvolvimento que considera a terra e a natureza apenas como insumos para a produção de mercadorias de rápido consumo e, mais rápido ainda, descarte. É para sustentar o modelo capitalista que os governos priorizam os mega investimentos, as grandes barragens, a exploração mineral, as monoculturas que degradam o ambiente e envenenam a terra, as águas e todos os seres vivos.

O modelo capitalista promove a concentração de bens e riquezas nas mãos de poucos privilegiados que priorizam as regras da competitividade, da lucratividade e do ideal individualista de “se dar bem na vida”. A falta de respeito com o diferente e com todos aqueles que possuem maneiras distintas de viver e pensar é característica das elites, das quais a brasileira se destaca por ser acentuadamente conservadora.

E, diante desse sistema que gera tamanhas injustiças e desigualdades, os princípios do Bem Viver nos levam a cultivar relações de reciprocidade, respeito e valorização de todas as formas de vida. Encontrar alternativas nesse sistema opressor e construir relações solidárias é o desafio colocado para todos que acreditam em um mundo diferente. No Brasil temos o privilégio de conviver com uma imensa pluralidade cultural e ela nos possibilita também aprender cotidianamente que a beleza da vida está na diferença, na variedade, na possibilidade do novo e não na adesão, sem crítica, a um padrão monolítico, no qual não há lugar para todos.

Como estamos presenciando na atualidade, o consumismo e a desigualdade são expressões de um desequilíbrio no uso dos recursos naturais, culturais e econômicos. Crescimento, expansão e aceleração se tornaram palavras mágicas, apoiadas por tecnologias cada vez mais sofisticadas, a serviço da substituição de trabalhadores e, claro, da maximização dos lucros. O atual projeto de desenvolvimento, a aceleração da produção e a acumulação do capital se fundamentam em relações sociais mediadas pela exploração e pela alienação, nas quais se estabelece uma lógica utilitarista – tudo é avaliado por seu custo e benefício.

Os avanços da tecnologia têm servido, em grande medida, para garantir e acelerar a produção. Mas algumas consequências desse tipo de exploração desenfreada da natureza podem ser sentidos imediatamente - quanto mais produção, mais lixo se acumula sobre a terra e mais poluição é despejada nas águas e lançada no ar. Quanto mais “aquecida” a economia, mais se consome e mais se descarta. Também cabe ressaltar que o aumento da produção não tem gerado melhora na qualidade de vida e nem maiores oportunidades de trabalho para a população que mais precisa. Assim, o modelo desenvolvimentista apresenta duas grandes falhas: conceber que os recursos da terra são inesgotáveis e permitir que uma pequena porção da humanidade acumule as riquezas produzidas com o trabalho, o sofrimento e a morte de milhões de outros seres humanos.

Para alcançarmos uma vida digna para todos é preciso diminuir o consumo, sobretudo do que é excessivo e supérfluo, e também reduzir as desigualdades sociais. Vale ressaltar que o propósito individualista de “se dar bem na vida” é um dos princípios desse modelo que promove a injustiça, a violência, a insegurança e a morte de seres humanos, condenados a viver em “cinturões de miséria” nas grandes cidades, ou em condições de trabalho desumanas nas áreas rurais. Além disso, o consumo desenfreado promove a devastação de florestas e da biodiversidade e coloca em perigo a vida de todos os seres, não apenas do homem.

O Bem Viver, experienciado por centenas de comunidades e povos indígenas na América Latina, pode nos inspirar a repensar valores e práticas da cultura contemporânea. O Bem Viver das culturas indígenas pode ser reinterpretado para se tornar um projeto de vida concreto, capaz de revolucionar nossas maneiras de pensar, nossas formas de interagir com a natureza e nossas relações humanas.

O que define o Bem Viver?

Paulo Suess (2010) explica que o paradigma *Sumak Kawsay* é de origem quéchua e significa Bem Viver. Não é fácil expressar, com palavras, uma noção tão ampla e complexa como o Bem Viver, que abrange muitas dimensões e significados. Pode-se dizer que ele expressa, ao mesmo tempo, memória e horizonte – por um lado, memória pré-colonial e tradicional do mundo andino – e, por outro lado, protesto e luta contra os excessos do capitalismo agroindustrial globalizado.

Os povos quéchua compreendem seu passado como um mundo imerso no Bem Viver, que, hoje, seria a convivência harmoniosa entre cosmo, natureza

Jahui - Foto: Patrícia Borzillo



Patrícia Borilhe

e humanidade. Saídas políticas assumidas no presente sustentam-se, muitas vezes, na memória de um tempo bom, perdido e idealizado, ao mesmo tempo mítico e histórico. Esse tempo passado pode ser e é, muitas vezes, o motor para transformações da realidade presente.

Tomando, por exemplo, as construções teóricas e políticas em torno do Bem Viver andino podemos ampliar o entendimento sobre essa ampla concepção também no Brasil. No “Plan Nacional para el Buen Vivir” (2009-2013), do Equador, encontramos elementos importantes. O plano propõe uma ruptura conceitual com a noção de desenvolvimento baseado em crescimento e em produção cada vez mais rápida e descartável, em função de lucro. Concretamente, o objetivo é construir uma sociedade justa, diversa, plurinacional e intercultural através de uma política social que garanta os direitos fundamentais dos cidadãos. Para isso, propõe-se um redirecionamento dos recursos do Estado para educação, saúde e pesquisa científica. Também propõe-se priorizar a democratização do acesso à água e à terra, ao crédito e ao conhecimento.

A importância do paradigma do Bem Viver não está na realização imediata de uma ruptura, mas na retomada de um horizonte – um futuro com justiça e igualdade. A luta indígena pelo Bem Viver faz parte de uma ampla aliança pela preservação da vida no planeta Terra. Para pensar em Bem Viver é necessário beber da fonte ancestral, mas isso não significa fazer uma leitura utópica do passado, e sim pensá-lo como tempo que respalda a contínua produção do presente e do futuro.

Para pensar o Bem Viver em diferentes expressões culturais, seguem três depoimentos de lideranças indígenas.

Povo Tupinambá de Olivença:

Com o Bem Viver no coração, nada nos destrói

“Todas as ações do povo Tupinambá são feitas sempre visando a conquista de nossa terra. Na organização do nosso povo, o que desejamos é uma Terra sem Males, sem dor, sem sofrimento, com muita harmonia, levando em conta a questão do Bem Viver. Buscamos harmonia com a floresta e com todos os animais que nela existem.

O Bem Viver também depende da espiritualidade que cultivamos. E nós, os Tupinambá, chamamos sempre por Tupã e sempre invocamos nossos Encantados. Temos muita fé nos Encantados. Quando temos isso, temos prosperidade



Povo Marubo (AM) - Foto: Equipe Itinerante Cimi Norte I

em nossa casa. Na nossa crença, é preciso buscar sempre igualdade entre os jovens, homens e mulheres e os anciãos. Na nossa comunidade não existe violência doméstica, crianças não são espancadas e ninguém falta com respeito com os guerreiros e com os anciãos.

Na agricultura, produzimos para todos, e as roças são feitas em conjunto, assim não tem gente passando fome. O povo criou uma associação para incrementar o que já vinha sendo feito na prática. Na associação acontece a partilha do que é produzido entre as comunidades e também a comercialização dos produtos que foram plantados para este fim. Como não podemos contar com os bancos ou com

órgãos públicos, buscamos na própria comunidade as nossas saídas e decidimos, então, criar um fundo de reserva para nossa associação. De tudo que é produzido na comunidade, 70% é distribuído entre as comunidades e os outros 30% são destinados à associação para nossas viagens, para nossas reuniões e assembleias. Não temos aceitado recursos de fora devido às chantagens. Para Bem Viver é preciso garantir o respeito, e os órgãos públicos não nos respeitam.

O povo sorri o tempo todo. O povo come bem, brinca bem, festeja bem. Deixamos de viver em supermercados. Produzimos muita banana da terra, muita farinha, abacaxi e tudo em grande quantidade. Fazemos isso não para sermos milionários, mas para compartilhar entre o nosso povo. Nós respeitamos a natureza onde vivemos e por isso usamos somente o que é necessário. Também fazemos a coleta seletiva de lixo na comunidade. Espantamos todos os caçadores e os animais estão felizes.

Entendemos que existem dois territórios: o território da morte, que é aquele em que os índios não se organizam e cedem suas terras aos inimigos, arrendando, destruindo; e o território da vida, aquele em que somos seres que vivemos com a terra, iguais às plantas e os animais, em que respeitamos os rios, as árvores, e tudo o que existe.

As pessoas que vivem com o pensamento no capitalismo não aceitam essa nossa maneira de pensar. Nos acusam de não saber usar os recursos da terra, nos maltratam e consideram nossa forma de viver ultrapassada. Estamos sendo criminalizados porque lutamos para garantir a nossa terra que, para nós, é geradora de vida. Mas os Tupinambá não abrem mão de sua maneira de viver. Quando se tem o Bem Viver no coração nada é capaz de nos causar tanto sofrimento, nada é capaz de nos destruir”.

Cacique Babau, Bahia

Povo Guarani-Mbya:

O Bem Viver para nós não é possível hoje devido à falta de terra

“Os nossos velhos e as nossas mulheres mais antigas sempre nos diziam que antes dos brancos chegarem tínhamos o Bem Viver completo: tínhamos mata, rios, peixes, caça, frutas nativas. Isso para nós é o *Nande Rekó*, é o jeito de viver Guarani.

Pela memória de nossos antigos, toda a costa do mar, do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, é território Guarani, incluindo ainda Paraguai, Argentina e Bolívia. Antigamente caminhávamos pelo nosso território sem ter medo e sem ter limites. Quando o branco chegou aqui, começou a grande luta Guarani. Com a perda da terra, a perda de nosso espaço. Hoje, olhando para o povo Guarani, vemos que a maioria das terras foram tomadas. E daquelas que ainda temos posse, a maioria não foi demarcada pelo governo e, por isso, verificamos que os Guarani vivem uma situação dramática.

Essa memória é importante para a nossa luta. Algumas dessas terras devem ser demarcadas porque são importantes para os nossos velhos, para o nosso Bem Viver. As poucas terras que estão demarcadas hoje são terras muito pequenas e não temos onde plantar, não temos como fazer uma casa de reza. A dificuldade é muito grande. Toda essa situação tem levado o povo Guarani a discutir seus direitos, que o governo conhece, mas não põe em prática.

Muitas de nossas famílias vivem em beira de estradas, debaixo de lonas, entre a rodovia e as fazendas. Na época do calor é muito quente, e no inverno é muito frio. São impactos impostos pelos brancos e pelo desenvolvimento. O Bem Viver para os Guarani não é possível hoje devido à falta de espaço, à falta de terra. Sabemos como viver o jeito de ser Guarani. Mas para isso precisamos também recuperar a nossa terra. E o Bem Viver dos Guarani é compartilhado com todas as pessoas que vivem ao seu redor. É por isso que os Guarani podem ajudar os brancos e, ao mesmo tempo, os brancos podem ajudar os Guarani a recuperar a sua terra”.

Maurício da Silva Gonçalves, Rio Grande do Sul

Povo Kanamari:

Falar nossa língua, comer o peixe pescado na hora, sentir o cheiro da floresta, isso é o Bem Viver!

“Estamos lutando para viver com nossa cultura, falar nossa língua, comer o peixe pescado na hora, sentir o cheiro da floresta, isso é o Bem Viver! Não é Bem Viver estar à beira da estrada, passar fome, sem a nossa terra, que é a nossa mãe. Quero que meu filho viva a plantação e a colheita, viva do peixe, da água, do alimento. Não quero ver meu filho tendo que deixar a floresta para trás. Nós somos a terra!

Estamos brigando por uma causa que não é só nossa, dos povos do Vale do Javari. Não falo por um povo só. Falo por todas as pessoas que vivem e que respeitam a vida dos outros. Ninguém vive só!”

Kurá Kanamari, Amazonas



Arquivo Cimi

Temos muito a aprender com os povos indígenas

As próprias culturas indígenas são o melhor exemplo de que “outro mundo é possível” porque conseguem ainda no início deste século XXI, marcado pela desigualdade e uniformização das mercadorias, do consumo e dos desejos, construir sociedades igualitárias, sem marginalização e sem exclusão. Nas palavras de Egon Heck e Guenter Francisco Loebens (2012, p.61):

Os povos indígenas chegam ao início do século XXI não apenas como sobreviventes, mas como povos com ricas culturas e sabedoria milenar. É a partir daí que se constituem em importantes atores sociais, políticos e étnicos, trazendo importantes contribuições na construção de novos projetos de vida nos distintos países.

No centro da vida dos povos indígenas está sua espiritualidade e um sentido festivo para o viver. Por exemplo, quando os missionários do século XVI proibiram os Guarani de realizarem algumas de suas festas, eles deixaram de plantar suas roças. O modo de vida dos povos explicita que eles não vivem para produzir, mas produzem e trabalham para viver. A espiritualidade é essencial nas suas culturas e ela se manifesta especialmente através de cantos, danças, rituais festivos e de rezas.

O mundo dos povos indígenas é centrado na pessoa e na comunidade, na partilha, na abertura para os outros. Na festa se restabelece o equilíbrio, a alegria e se partilha a memória ancestral, o espaço e o tempo. Todos participam e se ajudam, e o trabalho em conjunto gera abundância. Por isso, quando pensamos em “um outro mundo possível”, imaginamos um espaço festivo, no qual se pode sentir e partilhar a alegria e a dádiva que é viver.

Para construir as condições de Bem Viver, precisamos produzir mudanças importantes no estilo e no sentido da vida ocidental, conforme argumenta Paulo Suess (2010). O Bem Viver pressupõe considerar o ser humano como parte da natureza, envolvido em tudo o que acontece com a terra, os animais, o meio ambiente. O Bem Viver requer uma mudança na forma de organizar



Povo Enaué-Muê (MT) - Foto: Egon Heck

a vida social, em que os interesses coletivos prevaleçam sobre os interesses individuais e a solidariedade seja a base da sociedade, pois a vida é vivida em rede e todos necessitam uns dos outros.

O Bem Viver requer também uma mudança nas estruturas econômicas e o reconhecimento de que o desenvolvimento deve ser pensado para resguardar e potencializar a vida. Desse modo, não cabem nele os projetos de exploração abusiva dos recursos naturais nem os que se baseiam na exploração do ser humano.

Por fim, o Bem Viver requer uma mudança política, para constituirmos uma sociedade fundamentada na justiça, na partilha e no respeito a todas as culturas e todos os povos.

“Quando pensamos em ‘um outro mundo possível’, imaginamos um espaço festivo, no qual se pode sentir e partilhar a alegria e a dádiva que é viver”



Povo Urubu Kaapor (MA) - Foto: Ruy Spasati

Para saber mais

Filmes

Bem Viver – um novo caminho, Conselho Indigenista Missionário (Cimi) - www.youtube.com/watch?v=FGyrsqjFWto&feature=youtu.be

O *Bem Viver*, Fundação Rosa Luxemburgo - www.rosaluxspba.org/alberto-acosta-o-bem-viver/

Rigoberta Menchú: Hacia una vida en plenitude, Fundación de Estudios, Acción y Participación Social (Fedaeaps) Equador - www.youtube.com/watch?list=PL_jR0lrIW8SitQUH55CqJ_qlj--ddh&v=vsVM3TzK_dU

Livros

CHOQUEHUANCA, David. *Hacia la reconstrucción del Vivir Bien*. América Latina en Movimiento, Agencia Latinoamericana de Información (Alai), N° 452: 6-13, 2010.

COSTA, Alberto. *O Bem Viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo. Autonomia Literária e Editora Elefante, 2015.

DÁVALOS, Pablo. *Reflexiones sobre el Sumak Kawsay (Buen Vivir) y las teorías del desarrollo*. Agencia Latinoamericana de Información (Alai), Quito, 2008. Disponível em: <http://alainet.org/active/25617>

FEITOSA, Saulo Ferreira; LACERDA, Rosane Freire. *Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial*. Interterritórios Revista de Educação. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Caruaru. V.1, N° 1. 2015. Disponível em: <http://www.revistainteriorios.com.br/media/artigos/rev.2.i-bem-viver-projeto-u-topico-e-de-colonial-a-docx.pdf>

GUDYNAS, Eduardo. *Tensiones, contradicciones y oportunidades de la dimensión ambiental del Buen Vivir*, Em: *Vivir bien: ¿Paradigma no capitalista?* (I. Farah H. y L. Vasapollo, coords), CIDES-UMSA y Plural, La Paz, 2010.

HECK, Egon Dionísio; SILVA, Renato Santana da; FEITOSA, Saulo Ferreira (org.). *Povos indígenas: aqueles que devem viver – Manifesto contra os decretos de extermínio*. Brasília: Conselho Indigenista Missionário (Cimi), 2012.

LARREA, Ana Maria. *La disputa de sentidos por el Buen Vivir como proceso contrahegemónico*, pp 15-27, Em: *Los nuevos retos de América Latina. Socialismo y Sumak Kawsay*. Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo (Senplades). Quito, 2010.

LESBAUPIN, Ivo. *A sociedade do “bem viver”*. Pontífice Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais. 2011. Disponível em: http://www.pucminas.br/documentos/ivo_les_pdf.pdf

PRADA, Raúl A. *Transición al Buen Vivir*. Quintanilla Coro, V. H. 2010. *La descolonización de la “subalternidad” indígena, como efecto de las “relaciones sociales”*. Agencia Latinoamericana de Información (Alai), Quito, 2010. Disponível em: <http://alainet.org/active/41714&lang=es>

SUESS, Paulo. *Elementos para a busca do Bem Viver (Sumak Kawsay) para todos e sempre*. 2010. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&action=read&id=5166>

Sítios eletrônicos

www.filosofiadelbuenvivir.com

www.paulosuess.blogspot.com.br/2014/09/a-construcao-do-bem-viver-hoje.html

www.tupivivo.org

Encarte Pedagógico X

O Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade

TEXTOS: Iara Bonin

EDIÇÃO: Patrícia Bonilha

Publicação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi)

www.cimi.org.br